

MONOGRAFIA

TCC/UNICAMP
N75j
2180 \FEF/703

LISIANE OLIVEIRA NORA

**O JUDÔ: ESPORTE E LUTA COMO CONTEÚDOS
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1997

LISIANE OLIVEIRA NORA

TCC/UNICAMP
N75j



1290002180

O JUDÔ: ESPORTE E LUTA COMO CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Monografia apresentada
como exigência parcial
para obtenção do título de
licenciada em Educação
Física, sob orientação do
Prof. Dr. José Júlio Gavião
de Almeida.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1997

AGRADECIMENTOS

À Deus e à minha família, especialmente aos meus pais, por todo carinho e amor dedicados, e por torcerem sempre por mim

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, pelos conhecimentos compartilhados e por sua contribuição na elaboração desta monografia

Às minhas queridas amigas que dedicaram uma parte de seu tempo para incentivar e auxiliar-me nos momentos mais difíceis

RESUMO

O judô, apresentado como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, deve estar presente num programa de Educação Física, pois contribui, enquanto processo educativo, para o desenvolvimento global do indivíduo.

O referente estudo, realizado através de pesquisa bibliográfica, discorre, no primeiro capítulo, a respeito da história e evolução do judô, procurando contextualizá-lo no aspecto educacional.

No capítulo seguinte, é abordada a Educação Física no contexto escolar e a sua importância para o desenvolvimento da criança, especialmente as das quatro primeiras séries do 1º grau.

No último capítulo, é apresentada uma reflexão sobre o judô como um conteúdo da cultura corporal a ser trabalhado na Educação Física Escolar.

Este estudo pretende promover uma conscientização das possibilidades de desenvolvimento do judô, como proposta de ensino nas escolas, dentro das aulas de Educação Física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
Origem e evolução do judô.....	2
CAPÍTULO II	
Educação Física Escolar.....	11
CAPÍTULO III	
O judô como conteúdo da Educação Física Escolar.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
BIBLIOGRAFIA.....	26

INTRODUÇÃO

O judô, para quem o conhece ou pratica, representa um mundo fascinante, que vai muito além de seus aspectos técnicos ou esportivos.

O envolvimento com essa arte marcial, desperta para sua verdadeira essência, representada pelos princípios e filosofias que a sustentam, e que a tornam extremamente cativante, para quem passa a conhecê-la mais profundamente.

O interesse por este tema, surgiu da experiência de vários anos como praticante e professora de judô para crianças. As observações constantes fizeram-me refletir sobre os benefícios que sua prática proporcionava às crianças, bem como sobre questões pedagógicas que revelassem estratégias de ensino adequadas para o desenvolvimento do judô na escola.

O prestígio conseguido junto aos demais esportes, graças às suas conquistas olímpicas e ao seu caráter educacional, aumentaram consideravelmente o número de crianças que procuram o judô como atividade física.

Em vista do seu crescimento esportivo, e de sua importância como elemento contribuinte para o desenvolvimento global do indivíduo, por que não expandir sua prática e levá-la para dentro da escola?

Além de atingir uma quantidade maior de crianças, o contato com o universo do judô irá enriquecer e ampliar as experiências infantis. E a função da Educação Física Escolar é exatamente esta: propiciar experiências e movimentos diversificados, para que a criança possa deles usufruir conscientemente, e assim poder optar pelas atividades que lhes são mais prazerosas.

CAPÍTULO I

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO JUDÔ

“A vida é limitada, a arte ilimitável... Não há limites no caminho do Judô.”

Mestre Mifunê Kyuzô¹

Do jujitsu ao judô

As lutas, inclusive por necessidade de sobrevivência, praticamente nasceram com o homem. Os primeiros indícios da utilização pelo homem de algumas formas primitivas de luta individual e sem armas datam de três a quatro mil anos a.C.. Com o decorrer dos tempos, e através de influências geográficas e culturais, os combates corporais foram se tornando mais nítidos e numerosos, possibilitando afirmar que praticamente todos os povos da antigüidade praticavam alguma forma de luta esportiva ou bélica (VIRGÍLIO, 1986).

No Japão, o mais antigo relato de um combate corporal ocorreu em 230 a.C., segundo historiadores japoneses. Naquele tempo não haviam

¹ Foi um dos últimos faixas-pretas de décimo grau do judô da Kodokan, o grau mais elevado na prática do judô (SUZUKI, 1986, p.42).

regras de combate padronizadas, podendo as lutas desenvolverem-se até a morte, e as técnicas de ataque e defesa utilizadas eram muito semelhantes com os golpes do sumô² e do antigo jujitsu (CALLEJA, [1982?]).

A partir do século XVI ocorreu uma evolução muito grande das lutas, devido principalmente à intensificação de sua prática pelos samurais³. Os samurais foram os primeiros a se dedicarem ao treinamento e aperfeiçoamento de combates corporais, divulgando os golpes aprendidos profissionalmente pelo Japão, contribuindo para o desenvolvimento de um tipo de luta que foi denominada *jujitsu* (VIRGÍLIO, 1986).

O jujitsu, que é a arte marcial para o combate com armas brancas e, sobretudo, com mãos limpas, teve seu apogeu no século XVIII, com a utilização de técnicas apuradas para o desenvolvimento da personalidade guerreira. Em meados do século XIX, segundo CALLEJA ([1982?]), com a abertura do Japão à civilização ocidental, e com a utilização geral das armas de fogo e a supressão da casta de samurais, o jujitsu foi quase banido como as demais manifestações culturais do povo japonês.

“Apesar de sua indiscutível eficiência para a defesa pessoal, o antigo jujitsu não poderia ser considerado um esporte (...) Não havia regras tratadas pedagogicamente e nem mesmo padronizadas.” CALLEJA ([1982?], p.9)

² Segundo SHINOHARA (1982, p.7), o sumô é a luta livre japonesa que se utiliza do combate corpo a corpo para vencer o adversário.

³ Membro da classe de guerreiros japoneses da época feudal (FERREIRA, 1986)

Ainda segundo CALLEJA ([1982?], p.9): "*A prática do jujitsu poderia ser considerada anti-pedagógica, uma vez que era praticada indiscriminadamente...*", podendo ocorrer até a morte.

A impopularidade do jujitsu contribuiu para sua decadência, sendo redescoberto por Jigoro Kano, um jovem japonês franzino e de baixa estatura, aparentemente sem condições físicas para a prática da maioria dos esportes, que dedicou-se longamente ao seu estudo.

Ao eliminar os pontos negativos, ressaltar os positivos, unificar e codificar os conhecimentos existentes dos diversos estilos, criou um sistema de luta eficiente, esportivo e de finalidade nobre: o JUDÔ (SUZUKI, 1986).

O judô: nascimento e filosofia

Conforme palavras de Jigoro Kano, citadas por CALLEJA ([1982?] p.10):

"Eu estudei o jujitsu porque compreendi que seria o meio mais eficaz para a educação do físico e do espírito (...) Porém, era necessário aprimorar o velho jujitsu, para torná-lo acessível a todos, modificar seus objetivos que não eram voltados para a Educação Física ou para a moral, nem muito menos para a cultura intelectual."

De acordo com SHINOHARA (1982), judô quer dizer “caminho da suavidade”: o termo JU significa suavidade, e DÔ caminho, em substituição ao termo jitsu, que significa técnica. Surgiu como arte marcial fundamentada em princípios filosóficos, pedagógicos e científicos bem definidos, a fim de torná-la um meio eficaz para a educação integral, aliada a um excelente método de defesa pessoal.

Em 1882, ao criar o judô, o professor Jigoro Kano fundou o Instituto Kodokan, em Tóquio, escola que se transformou em templo de estudo e ensinamento do judô. Seus primeiros alunos foram Tomita, Yamashita, Shiro Saigo⁴ e Yokoyama, que se tornaram as quatro colunas de sustentação do Kodokan no seu início (SUZUKI, 1986).

Formado em filosofia pela Universidade Imperial de Tóquio, em 1882, Jigoro Kano fez da educação, a razão de sua vida. Decidiu aperfeiçoar o jujitsu tradicional, mais apropriado para fins guerreiros, num sistema de ideal mais elevado, o judô (SUZUKI, 1986). Como na educação era enfatizada a parte intelectual, o judô moderno foi muito bem aceito pelo país inteiro, contribuindo na formação de bons cidadãos.

O professor Jigoro Kano conquistou altos postos no ensino, no esporte e no governo de seu país. De educador, passou a diretor de colégios, conselheiro do Ministério da Cultura e diretor da Escola Superior de Educação, onde pretendia formar professores qualificados e pesquisar métodos de ensino.

Apoiado no conceito de Educação Física-Moral-Intelectual, introduziu o desporto e a Educação Física no plano educacional do Japão. Após a Segunda Guerra, é fundada a Faculdade de Educação de Tóquio, com o curso de Educação Física (SUZUKI , 1986).

⁴ Foi o grande campeão do Instituto Kodokan e um dos maiores judocas de todos os tempos.

O fundador da Kodokan, por todos os seus méritos e sua dedicação ao ensinamento e à propagação do judô, inclusive à sua contribuição no tocante à educação, é de acordo com SUZUKI (1986), também conhecido como o *Pai da Educação Física no Japão*.

Jigoro Kano viajou para a Europa e América do Norte em missão cultural, realizando conferências e demonstrações para divulgar o judô. Foi ainda, o primeiro japonês a pertencer ao Comitê Olímpico Internacional, presidente da Federação Desportiva do Japão e o idealizador da Federação Internacional de Judô.

A estrutura técnica formal do Judô Kodokan e o aperfeiçoamento de sua filosofia foram completados aproximadamente em 1922. Jigoro Kano propagava o judô com base nos axiomas: “máxima eficácia de corpo e espírito” e “prosperidade e benefícios mútuos”, os quais aliados aos princípios de “ceder para vencer”, seriam o sustentáculo filosófico de sua obra (VIRGÍLIO, 1986).

O judô não é somente o sistema para o uso melhor e mais racional das forças mentais-físicas, mas o caminho para o uso dessas forças no sentido mais amplo, em todas as atividades existentes. Como vivemos em sociedade, cada um deve fazer a sua parte, auxiliando-se, tolerando-se e progredindo pela ajuda mútua, conjunta, se preciso até ceder-se em benefício do outro, buscando o bem comum (SUZUKI, 1986).

Segundo as palavras do Professor Jigoro Kano:

“ O judô é o caminho para a mais eficiente utilização das forças física e espiritual. Pelo seu treinamento em ataques e defesas, educa-se o corpo e o espírito e torna a essência espiritual do Judô uma parte de seu

próprio ser. Desta forma será capaz de aperfeiçoar a si próprio e contribuir com algo para valorizar o mundo. Esta é a meta final da disciplina do Judô.” (SHINOHARA, 1982, p.01)

O judô da Kodokan precisou vencer os diversos estilos de luta da época em competições organizadas para ser respeitado em todo país. Essas competições serviram ao propósito de provar a validade e a eficiência do judô, bem como testar e ampliar suas técnicas. O jujitsu, ultrapassado, acabou absorvido pelo judô moderno, que conquistou o mundo inteiro.

A difusão e a evolução do judô como esporte

Conforme o histórico, exposto no decorrer do capítulo, após a fundação do Kodokan, o judô difundiu-se rapidamente para os cinco continentes, passando a ser definitivamente universal, como almejava seu fundador.

No Brasil, o judô foi implantado por volta de 1908 com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, que trouxeram os segredos dessa luta desconhecida para os ocidentais. O Professor Mitsuyo Maeda, conhecido como Conde Koma, foi um dos primeiros a se destacar na história do judô brasileiro. Maeda percorreu várias cidades do Brasil, enfrentando sem derrotas muitos desafiantes e promovendo esse esporte, instalando-se em Belém do Pará onde montou sua escola (SHINOHARA, 1982).

Atualmente, além do enorme contingente de academias e de praticantes, deve-se ressaltar o excelente desempenho de judocas brasileiros em competições internacionais, tanto Campeonatos Mundiais como Jogos Olímpicos, onde constantemente o Brasil tem-se destacado com a conquista de várias medalhas, firmando-se como uma grande potência mundial na modalidade.

Convém informar que o Brasil possui representantes de judô também nos “Jogos Paraolímpicos”. A equipe paraolímpica nacional conquistou a terceira colocação na contagem geral das competições, nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta 1996, confirmando-se como uma das melhores equipes de judocas portadores de deficiência do mundo.

Os campeonatos mundiais, iniciados em 1956 e a aceitação como esporte olímpico nas Olimpíadas de Tóquio em 1964, transformaram o judô num esporte de projeção internacional, com cerca de 140 países filiados à Federação Internacional de Judô.

Mudanças foram necessárias para tornarem o judô mais conhecido e compreendido pelo público leigo, havendo estudos para padronização na interpretação das regras de arbitragem. As modificações foram idealizadas no sentido de facilitar o entendimento das lutas e tornar os combates mais dinâmicos, contribuindo para a difusão do judô.

Com o aumento do número de competições, ocorreram reformulações nas regras, objetivando favorecer o verdadeiro competidor, pois os critérios para decisão da luta foram melhor estruturados, enfatizando o dinamismo e a ofensiva (CALLEJA, [1982?]).

A modificação mais recente, aprovada em outubro de 1997 no Mundial de Judô da França, refere-se à utilização do quimono azul em competições internacionais, justificada por aumentar a precisão na distinção

dos judocas por parte de árbitros e espectadores, aumentando a audiência nas transmissões, e deixando o judô mais atrativo para a televisão.

A popularização crescente deu ao judô uma nova dimensão, um novo conceito, sendo responsável, em grande parte, pelo seu aprimoramento como esporte.

Segundo VIRGÍLIO (1986), o judô progrediu tecnicamente, avançou na concepção de esporte e cativou o público, porém, permitiu que valores como disciplina, respeito e fraternidade fossem negligenciados e esquecidos por parte das academias e professores.

Aceitar o desenvolvimento do judô como esporte não implica em desprezar suas raízes eminentemente educacionais. O judô não perdeu sua ideologia, apenas sofreu adaptações em consequência da própria evolução e desenvolvimento dos esportes, principalmente os olímpicos.

“Visando a prática consciente do verdadeiro judô do Kodokan, atingiremos integralmente todas as metas a que nos propomos, entretanto, pode o interessado optar ainda pela prática esportiva sem maiores responsabilidades ou compromissos (...) desde que dentro de seus princípios morais e filosóficos.” (VIRGÍLIO, 1986, p.70)

Embora se possa dizer, segundo SUGIZAKI (1996), que existe um interesse maior na busca de resultados competitivos, valorizando a importância do treinamento físico e a realização de competições, é preciso reconhecer que a maioria das pessoas que buscam o judô, seja na academia, no clube ou na escola, sabem que existe um componente importante na sua

prática: a Educação, embora num processo informal, que complementa a necessidade da sociedade em formação.

A evolução do judô como esporte não se restringe às conquistas olímpicas e mundiais que o projetaram através da mídia, pelo contrário, a sua aceitação como esporte é consequência de um processo estabelecido ao longo de décadas, que buscou no judô uma identidade para contribuir na formação moral e social dos jovens; identidade esta, idealizada através da filosofia das artes marciais japonesas (SUGIZAKI, 1996).

Sobre a proliferação de modalidades esportivas derivadas das artes marciais, principalmente no mundo ocidental, MOREIRA (1992, p.136) declara:

“Essas modalidades trazem consigo caminhos espirituais de muita atuação para o homem contemporâneo ocidental. O judô e outras lutas, atualmente tem mais praticantes do que os tradicionais esportes olímpicos.”

Percebe-se a importância dada ao componente educativo desta arte marcial. A preocupação com os procedimentos técnico-pedagógicos justifica-se, para que a busca do judô como instrumento de uma educação integral, sem menosprezar as conquistas esportivas, continue a ser o grande incentivo de crianças e jovens que pretendam iniciar-se nessa prática.

O judô, inserido no contexto das artes marciais, possui como enfoque os mesmos aspectos da Educação Física Escolar, ou seja, objetiva o desenvolvimento do indivíduo integralmente.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A escola precisa, urgentemente, resgatar o verdadeiro papel que tem a desempenhar. É responsável, conforme descreve FERREIRA (1984), por formar homens que possam agir sobre a sociedade, transformando-a, portanto, a escola mantém uma relação de reciprocidade com a sociedade da qual faz parte.

Se entendermos a educação segundo a concepção humanística e democrática, torna-se necessário desenvolver um homem comprometido com a história, crítico, que possa refletir e agir sobre a realidade a partir dos seus próprios elementos.

Ao situarmos a Educação Física no contexto da educação, é sobre essa perspectiva de valorização do ser humano que devemos considerá-la, ou seja, também centrada no humanismo.

A concepção de Educação Física Escolar assumiria então a formação integral do homem, colaborando no processo de conhecer-se, dominar-se, relacionar-se com o mundo e buscar sua autonomia pessoal, complementando a educação geral por meio das atividades físicas (FERREIRA, 1984).

E ainda, segundo MEDINA (1986, p.62):

“ (...) a Educação Física deve ocupar-se do corpo e seus movimentos voltados para a

ampliação constante das possibilidades concretas dos seres humanos, ajudando-os assim na sua realização mais plena e autêntica.”

Precisa-se ter o cuidado de não reduzir o papel da Educação Física, considerando isoladamente o ato motor, pois através de atividades com movimento, ela contribui para o desenvolvimento integrado de todos os domínios.

O ser humano é total, integral e social, e deve ser percebido assim, dentro de sua unidade e totalidade. Somente de maneira integral, o corpo poderá se constituir num objeto específico da Educação Física enquanto ciência do movimento. Como diz MEDINA (1986, p.12) na seguinte frase: “Nós não temos um corpo, somos o nosso corpo...”

Segundo MEDINA (1986, p.43), ao expressar-se sobre o papel da educação e da Educação Física:

“O que pretendo é, tão somente demonstrar a necessidade de uma compreensão tão global quanto possível da nossa existência, enquanto fenômeno essencialmente humano, recuperando assim os seus mais legítimos valores, entre eles a própria dimensão de corpo, pois será desta visão do homem em seu mundo concreto que dependerá a atuação mais efetiva de todos aqueles que pretendem exercer coletivamente o papel de agentes renovadores e transformadores da

cultura que vivem (...) E, por acaso não seria exatamente este o papel de todo verdadeiro educador, portanto, também do próprio professor de Educação Física.”

Breve histórico sobre a Educação Física Escolar

Se analisarmos o conteúdo veiculado pela Educação Física ao longo de sua história, veremos o predomínio da ginástica e principalmente do esporte na instituição escolar. Segundo estudos realizados por BRACHT (1992), os conteúdos de que trata a Educação Física Escolar têm sido determinados pelas instituições médica, militar e esportiva.

Os exercícios físicos foram incluídos no currículo escolar no final do século XVIII e início do XIX, época da construção e consolidação da sociedade capitalista na Europa.

Segundo SOARES (1992), os exercícios físicos tiveram um papel de destaque, pois através deles, poderia-se adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista. A necessidade de cuidados físicos com o corpo valorizaram as práticas pedagógicas que atendiam a esse interesse, como a Educação Física.

O surgimento das escolas de ginástica pressionaram a sua inclusão no ensino escolar, ao considerá-la como Educação Física. As primeiras sistematizações das ginásticas foram denominadas de Métodos Ginásticos, sendo os mais conhecidos os métodos sueco, francês e alemão.

Desenvolver e fortalecer a aptidão física dos indivíduos, além da formação moral era a função a ser desempenhada pela Educação Física na escola, legitimada através da influência de normas e valores da instituição militar, e do caráter científico oriundo das ciências biológicas, com destaque para a figura do médico, principalmente o médico higienista, confirmando a preocupação com a saúde (SOARES, 1992).

No Brasil, a influência dos métodos ginásticos e da instituição militar foi marcante no sistema educacional. Após a Segunda Guerra Mundial, coincidindo com o fim da ditadura do Estado Novo no Brasil, surge o esporte, estimulado por uma nova tendência, a Educação Física Desportiva Generalizada, divulgada por Auguste Listello.

A supremacia do esporte fica garantida perante os outros componentes da cultura corporal: a ginástica, o jogo, a mímica, as lutas, e o seu rápido crescimento implica até na esportivização de alguns desses elementos, como aconteceu com o judô, o karatê e mesmo a capoeira (JORGE apud BRACHT, 1992).

O esporte ontem e hoje

A civilização grega, através de sua filosofia, foi uma das primeiras a se preocupar com a educação, reconhecendo que os fins educacionais serviriam para a formação do homem integral e do guerreiro. A valorização dos exercícios corporais já demonstrava as intenções da Educação Física na época antiga: instrumento para a formação integral do homem (FERREIRA, 1984).

No início da Idade Média, com o avanço das conquistas expansionistas, caracterizado pela violência e confusão, ocorreu uma considerável diminuição da prática dos exercícios físicos. O ideal da Educação Física e do esporte foi deturpado, perdendo seu caráter pedagógico alcançado durante a época anterior, pois surgiram os grandes jogos, com objetivo de fortalecimento e enobrecimento do homem visando a aptidão física, moral e espiritual para o combate. Assim apareceram esportes como o futebol, o tênis, a luta, a esgrima, a equitação (FERREIRA, 1984).

A Idade Moderna encaminhou a Educação Física na busca de seu próprio conhecimento, firmando os exercícios físicos como importantes na área educacional. Com um novo posicionamento humanístico, centrado no homem como gerador de todas as coisas, o interesse se voltou novamente para a integração dos aspectos intelectuais, morais e físicos.

Entretanto, com o surgimento de novas tendências, entre elas o movimento esportivo, a interação pretendida entre esporte e pedagogia, foi camuflada por fins competitivos, cujo interesse maior era a vitória a qualquer custo.

De acordo com FERREIRA (1984, p.43):

"Com as modificações das condições sociais, condições da vida moderna (...) a atividade física passou a ser utilizada com objetivos imediatos, pragmáticos, que se contrapõem ao idealismo de antes. Buscava-se, em tempos remotos, o prazer da participação na atividade física, enquanto

*que hoje se busca o prazer pelo resultado,
pela vitória."*

A influência do esporte no âmbito escolar assume os parâmetros definidos pela instituição esportiva, ou seja, suas normas e regras moldam seu ensino baseado nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Estes princípios, reforçados pelos pressupostos da pedagogia tecnicista, como a racionalização de meios em busca de eficiência e eficácia, tendem a fortalecer a identidade esportiva da Educação Física Escolar (SOARES, 1992).

Com o objetivo de desenvolver a aptidão física, o esporte é então selecionado porque possibilita o exercício do alto rendimento. Logo, na escola, a Educação Física trabalha com as modalidades esportivas mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social como o basquetebol, o futebol, etc. (SOARES, 1992).

As aulas são estruturadas com características de um esporte competitivo, determinado pela obediência às leis que o regulamentam, onde há a ausência de cooperação e a prevalência do individualismo, visando tão somente a vitória.

O esporte educativo, caracterizado pelas qualidades lúdicas, como espontaneidade e capacidade de desenvolver satisfação pessoal através do desempenho e da iniciativa, não estão sendo enfatizadas pelas atividades de Educação Física, em consequência dessa prática esportiva que visa a reprodução de movimentos (FERREIRA, 1984).

A Educação Física, subordinada aos códigos da instituição esportiva, passa a ensinar o esporte segundo os princípios que regem essa instituição: busca do rendimento, competição, regulamentos rígidos, sucessos e vitórias. Entretanto, à Educação Física Escolar não cabe ser a base para o esporte de

rendimento, nem tampouco formar talentos que possam vir a ser esportistas em potencial. O desenvolvimento do esporte na escola deve atender ao objetivo maior da educação que é a formação do indivíduo como um todo.

Educação Física Escolar e a criança

“A infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias e os movimentos corporais ocupam quase todo o tempo da criança.”

João Freire (1994, p.16)

Daremos enfoque à Educação Física na escola de 1º grau, especialmente nas quatro primeiras séries, visto que se trata de um universo em que as atividades físicas possuem valores inquestionáveis ao desenvolvimento da criança.

Com relação ao seu papel pedagógico, a Educação Física deve atuar integrada com as outras disciplinas da escola e preocupada com o desenvolvimento global da criança. O trabalho com crianças na escola não deve ser entendido no sentido de prepará-las para a fase adulta, para o futuro, mas no sentido de garantir um espaço para que elas possam viver intensamente o seu presente.

A infância é um período repleto de movimentos, de brincadeiras, de fantasia. Movimentar-se faz parte da essência da criança, por isso o movimento corporal é considerado um recurso pedagógico valioso que tem

de estar presente num programa de Educação Física condizente com a faixa etária da criança.

As crianças mais novas, em idade pré-escolar, caracterizam-se por serem individualistas e egocêntricas. São muito centradas nelas mesmas e as relações estabelecidas com os outros e as coisas acontecem num processo lento. Segundo FREIRE (1994), a criança se utiliza da fantasia, do faz de conta para comunicar-se com o mundo, e os movimentos corporais expressados são resultados de observações e imaginações.

As crianças da pré-escola passaram sua infância formando estruturas motoras, afetivas, sociais, cognitivas para agir com compreensão no mundo em que vivem. A partir dos 6 e 7 anos, coincidindo com o início de sua vida escolar, a criança, de posse desses mecanismos pode compreender de forma lógica sua vida de relações, saindo da posição de centro de todas as coisas, para interagir em íntima dependência com os outros.

Esse período, dos 6 e 7 anos aos 10 e 11 anos aproximadamente, é marcado pelo início da cooperação, a criança encontra-se mais socializada, favorecendo as relações interpessoais. Ela sofre um ajustamento à realidade exterior, sua representação fantasiosa, característica das crianças em fase pré-escolar, é superada por uma representação simbólica mais comprometida com elementos da realidade concreta com os quais interage (FREIRE, 1994).

Durante o aprendizado, há momentos de imobilização e momentos de agitação. Ao professor cabe criar condições de desequilíbrios, desde que compatíveis com o nível de desenvolvimento da criança. Diante dessas condições, a criança tende a assimilar e a incorporar a si, utilizando-se de recursos motores e mentais já conhecidos (FREIRE, 1994).

Cada criança é diferente da outra, e isso a torna um ser individual. Transformá-las em iguais segundo padrões estabelecidos, significa podar sua individualidade. Como diz FREIRE (1994, p.206):

"As relações, os direitos, as oportunidades é que têm de ser iguais, não os gestos, os comportamentos, os pensamentos, as opiniões."

CAPÍTULO III

O JUDÔ COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Entenderemos a Educação Física sob a perspectiva da cultura corporal, que, segundo SOARES (1992, p.38):

“Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismos, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.”

A Cultura Corporal é uma área do conhecimento que abrange os temas: jogo, dança, ginástica, esporte, lutas, etc.. A Educação Física tratará pedagogicamente esses temas na escola, enquanto disciplina curricular, tendo como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem (ORTEGA ESCOBAR, 1990).

A expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal que igualmente precisa ser transmitida e assimilada pelos alunos na escola. Assim o homem e a realidade serão entendidos numa visão de totalidade.

A Educação Física Escolar não deve ter como preocupação o aprimoramento e desenvolvimento de habilidades e capacidades através principalmente do esporte, como vêm ocorrendo, mas voltar sua preocupação para a apreensão crítica do conhecimento sobre os grandes temas da cultura corporal, para que o indivíduo possa estar consciente de seus atos na sociedade em que vive.

O conteúdo específico de um componente curricular, ou seja, o conhecimento transmitido aos alunos, justifica-se por sua contribuição, enquanto parte, para a apropriação de uma totalidade de conhecimentos pelos alunos que lhes possibilitem uma leitura crítica da realidade (SOARES apud MOREIRA, 1992).

Assim, segundo SOARES (1992, p.19), a metodologia para o ensino da Educação Física deve ser entendida:

“...como uma das formas de apreensão do conhecimento específico da Educação Física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída.”

Ao caracterizar as lutas como um dos conteúdos da Educação Física no contexto escolar, pois é componente da cultura corporal, ressaltamos a

dificuldade encontrada em incentivar a prática de outras atividades que não sejam as esportivas, como as diversas artes marciais, dança, capoeira, etc.

O conteúdo lutas, apresentado como proposta para a Educação Física, envolveria os processos educativos das artes marciais, especificamente do judô, aliado à filosofia característica dessas artes orientais, buscando validar sua aplicabilidade nas escolas e garantindo um espaço juntamente com os demais conteúdos na Educação Física Escolar.

O judô, embasado pelos seus fins educativos, inserido na escola, contribuirá para a formação integral do indivíduo, ao trabalhar com aspectos que envolvem o seu desenvolvimento global.

Além de desenvolver as capacidades físicas como agilidade, coordenação, força, velocidade, etc., o judô auxilia a criança na sua relação com os outros e consigo mesmo, ao propiciar elementos que trabalham com a sociabilização, a competitividade, a disciplina, o respeito, característicos de sua tradição e filosofia.

Porém, o que o torna realmente um componente fundamental num currículo de Educação Física, é a variedade de elementos e de movimentos diferentes daqueles conhecidos pela criança. A novidade em relação aos movimentos do judô, põem-na em contato não só com uma cultura diferente, mas também com uma das lutas e esportes mais desenvolvidos em nossa sociedade, o que além de aumentar o seu conhecimento de mundo, mostra-se altamente motivante pelo desafio que proporcionam à necessidade de ação da criança, despertando o prazer no encontro com o desconhecido.

Como um conteúdo da Educação Física Escolar, o judô deve abordar seus fundamentos básicos, que envolvem muito mais do que técnicas e táticas, mas movimentos aliados à uma filosofia visando princípios éticos e morais que valorizam o ser humano em sua individualidade e dentro de uma coletividade.

Os novos elementos proporcionados pelo ensino do judô, tornam-se indispensáveis a um programa de Educação Física que pretende ser rico em experiências, aumentando o leque de oportunidades que possam ser oferecidas às crianças, na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física que ainda persiste na escola, caracteriza-se por manifestações culturais empobrecidas pelo sistema educacional, ao retratar quase que exclusivamente, apenas os conteúdos tradicionais representados pelos esportes como voleibol, basquetebol, handebol e futebol.

Os outros temas da cultura corporal, como a dança, a ginástica e as lutas não fazem parte do programa dessa Educação Física, ou quando o fazem, são por iniciativas isoladas de algumas escolas ou de alguns professores.

O judô, sendo integrante do conteúdo lutas e também do esporte, portanto apresentando-se como um tema a ser abordado pela Educação Física Escolar, não tem sido proposto por essa disciplina.

Desde sua criação, o professor Jigoro Kano idealizou um sistema de luta que tivesse influências positivas na formação da criança e do jovem, e que pudesse desenvolver-se também como esporte, levando-se em conta os princípios educacionais e pedagógicos com os quais foi fundamentado.

A popularização e reconhecimento crescentes, devido principalmente ao aumento do número de competições e às conquistas de medalhas olímpicas, incentivaram o desenvolvimento do judô, colocando-o em um patamar de grande prestígio junto aos demais esportes ditos tradicionais.

O judô, a partir dessas explicações, não deve ser considerado como um elemento que integra apenas o conteúdo esporte ou o conteúdo lutas, mas como integrante de ambos os conteúdos.

Encarado como esporte ou como luta, ou ainda como esporte e luta. diante das considerações expostas, o importante é que o judô esteja presente nas aulas de Educação Física para todas as crianças em fase escolar.

Destacando-se entre os diversos conteúdos da Educação Física, foi demonstrado o seu valor educativo para a escola, no sentido de contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano.

Das escolas, espera-se que as mesmas reconheçam os méritos do judô enquanto processo educativo, e venham validar sua aplicabilidade no sistema educacional, garantindo-lhe assim um espaço merecido dentro dos conteúdos da Educação Física Escolar.

BIBLIOGRAFIA

- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre : Magister, 1992.
- CALLEJA, C. C. *Caderno técnico-didático: judô*. Brasília : MEC, [1982?].
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, V. L. C. *Prática da Educação Física no primeiro grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação*. São Paulo : IBRASA, 1984.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. 4.ed. São Paulo : Scipione, 1994.
- MANUAL DO JUDÔ. *Nague-Waza*. São Paulo : Ed. Três, 1991.
- MEDINA, J. P. S. *A Educação Física cuida do corpo... e "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física*. 5.ed. Campinas : Papyrus, 1986.
- MOREIRA, W. W. (Org.). *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas : Papyrus, 1992.

OLIVEIRA, J. G. M. *Educação Física e o ensino de primeiro grau: uma abordagem crítica.* São Paulo : EPU-EDUSP, 1988.

OLIVEIRA, V. M. *O que é Educação Física.* 5.ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

ORTEGA ESCOBAR, M. *Contribuição ao debate do currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública.* Pernambuco : Secretaria de Educação, 1990.

PICCOLO, V. L. N. (Org.) *Educação Física escolar: ser... ou não ter?* 3.ed. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1993.

☆ SHINOHARA, M. *Manual do judô Vila Sônia.* 3.ed. São Paulo : Shinohara, 1982. ✱

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do ensino de Educação Física.* São Paulo : Cortez, 1992.

SUGIZAKI, M. (Coord.) *Fundamentos básicos do ensino de judô: curso para técnicos.* São Paulo : Federação Paulista de Judô, 1996.

SUZUKI, E. *O pai da educação integral e o universo do judô.* São Paulo : Editora do Escritor, 1986.

VIRGÍLIO, S. *A arte do judô.* Campinas : Papyrus, 1986.